

Actas do 1^{er} Congreso de Arqueología
Medieval Española, Huesca, 1985. Tomo 4.

Zaragoza 1986

UM LOTE CERÂMICO DA MÉRTOLA ISLÂMICA

CLAUDIO TORRES

Assistente de Arqueologia Medieval na Faculdade de Letras de Lisboa
 Director do Campo Arqueológico de Mértola

I. LOCALIZAÇÃO

No ponto mais interior do enorme canal marítimo de 70 kilómetros que é o Guadiana, onde convergiam todas as vias antigas do interland alentejano, desde sempre Mértola foi importante plataforma comercial e núcleo político suficientemente poderoso para alimentar um grupo social abastado (mapa 1).

Implantado num esporão rochoso, o aglomerado urbano nunca extravasou o recinto muralhado antes do séc. xvii e desde que era município romano o seu número de habitantes deve sempre ter rondado o milhar (mapa 2).

Na alcáçova, em cota levemente inferior à do castelo cristão, desde 1980 que uma equipa de arqueólogos desenvolve um prolongado trabalho de investigação, cujos primeiros resultados começam agora a ser divulgados. Sobre uma plataforma artificial construída em finais do séc iii e assente em cripto-pórticos —(a escavação de um dos quais deu dois terços do actual espólio cerâmico do Museu de Mértola)— encontramos quatro níveis principais:

1. Romano e tardo-romano com prolongamento pelo califal;
2. Séculos xi e xii que correspondem a um evidente período de apogeu;
3. Última ocupação mais pobre que se prolonga até à conquista cristã em 1238, ou pouco depois;
4. Grande necrópole cristã com possível utilização até ao séc. xvi.

Devido à importância da necrópole, da qual já foram levantadas cerca de 150 sepulturas, a área escavada não ultrapassa os 400 metros quadrados e no entanto o espólio exumado já hoje constitui a maior colecção de arte islâmica do país.

II. TÉCNICA, DECORAÇÃO E MORFOLOGIA

Apresentamos um lote cerâmico de corda-seca (tal como foi definida por Valdés a Casamar). Excluimos o lote verde e manganês (tipo Medina Al Zahara) em que os fragmentos de Mértola ultrapassam largas centenas e a corda-seca parcial cujo trabalho de reconstituição tem sido dificultado pela quantidade e variedade de peças e objectos.

As várias dezenas de peças arqueologicamente completas (além de centenas de fragmentos), a uniformidade estratigráfica e coerência técnico-decorativa, além de evidente variedade morfológica, tornam este conjunto importante para o estudo do Garb-al-Andalus.

Todo o lote de corda-seca de Mértola se localiza estratigraficamente entre o nível que contém peças verde e manganês (com interferência entre elas) e a última camada de ocupação islâmica — finais do XII, princípios do XIII.

A pasta cerâmica é toda ela calcária, de cor beije claro e de consistência pulverulenta.

A técnica decorativa é em corda seca total com o uso exclusivo de óxido de manganês nos cordões separadores de cor preta.

As manchas brancas opacas de estanho ou chumbo são intercaladas de áreas verdes de óxidos de cobre e melados de óxidos de ferro. O interior das formas fechadas ou não é vidrado ou quanto o é, é melado esverdeado. A face exterior das formas abertas leva uma simples cobertura plúmbea esverdeada e pouco consistente.

Na gramática ornamental impõe-se a fitomorfia com escassos elementos caligráficos e alguns zoomórficos.

A morfologia dominante é representada pela tigela (ataifor) — tipo I e II de Rosselló Bordoy. Em formas fechadas apenas se constata a existência de algumas bilhas (redoma) — tipo I de Rosselló Bordoy. Algumas terrinas e um único bocal de talha gigante completam a colecção (figs. 1, 2, 3 e 4).

III. DESCRIÇÃO DAS PEÇAS

Formas fechadas

- Pequena bilha (CRCS0022 — Fig. 5) a que falta o gargalo, pé anular de 7 cm com o bojo dividido em dois registos decorativos. No registo inferior alternam listas oblíquas de verde e melado. No registo superior alinham-se flores de lótus inscritas em medalhões.
- Pequena bilha (CRCS0003 — Fig. 6) a que também falta o gargalo, pé em bolacha levemente convexo de 8 cm. A organização ornamental é semelhante à anterior só que nos medalhões do registo superior alternam uma flor de lótus e um pássaro.
- Bordo de grande talha (CRCS0016 — Fig. 7), cujo bocal teria cerca de 40 cm de diâmetro. A decoração é exterior e organiza-se em reticulado triangular.

Formas abertas com decoração na face exterior

- Fragmento de terrina com 27 cm de diâmetro (CRCS0023 — Fig. 8). A decoração é fito-caligráfica organizada em medalhões onde se inscrevem os caracteres cúficos.
- Base de terrina (CRCS0017 — Fig. 9) com 22 cm de diâmetro, 7 cm de altura e pé anular de 8 cm. Decoração lotiforme.
- Base de terrina (CRCS0012 — Fig. 10) de 21 cm de diâmetro, 8,5 cm de altura e pé anular de 8,5 cm. Decoração caligráfica em que os caracteres cúficos se inscrevem em quatro medalhões.

Formas abertas com decoração na face interior

- Tigela (CRCS0024 — Fig. 11) de 26 cm de diâmetro, 8,5 cm de altura e pé anular de 10,5 cm. A decoração é radial de cromatismo alternado.
- Tigela (CRCS0018 — Fig. 12) de 25 cm de diâmetro, 8 cm de altura e pé anular de 10 cm. A decoração é em todo semelhante à peça anterior.
- Tigela (CRCS0015 — Fig. 13) de 28,5 cm de diâmetro, 8,5 cm de altura a pé anular de 10 cm. A estrutura ornamental é semelhante às duas anteriores, sendo o verde substituído por um tom azul de cobalto. Morfológicamente estas três tigelas seriam catalogáveis nos tipos III e IIIb da tipologia de Rosselló Bordoy.
- Pequena tigela (CRCS0019 — Fig. 14) de 17,5 cm de diâmetro, 5,5 cm de altura e pé anular de 7 cm. A decoração é caligráfica e ocupa todo o campo.
- Tigela (CRCS0020 — Fig. 15) de 30,5 cm de diâmetro. Decoração lotiforme.
- Tigela (CRCS0021 — Fig. 16) de 25 cm de diâmetro. Bordo de aba levemente reclinado e decorada com uma linha serpentiforme. O campo central seria preenchido por um elemento zoomórfico.
- Tigela (CRCS0013 — Fig. 17) de 27 cm de diâmetro, 8,5 cm de altura e pé anular de 10,5 cm. Bordo da aba semelhante à peça n. 0021. Decoração reticulada na aba e lotiforme no campo central.
- Tigela, prato-côvo (CRCS0010 — Fig. 18) de 24 cm de diâmetro, 6 cm de altura e pé anular de 8,5 cm. Decoração fito-caligráfica e morfologia que se aproxima do tipo IIa, ataífor, de Rosselló Bordoy.
- Grande tigela, prato-côvo (CRCS0009 — Fig. 19) de 37,5 cm de diâmetro. Decoração em listas verticais alternadas na aba. No campo central organiza-se, em composição assimétrica, um ramalhete de flores de lótus.
- Prato-côvo (CRCS0008 — Fig. 20) de 26 cm de diâmetro, 5,5 cm de altura e pé anular de 9,5 cm. Três registos decorativos marcados pela própria forma da peça. O bordo da aba, fortemente reclinado, ostenta reticulado triangular e radial branco e verde. Na aba vertical destacam-se sobre fundo branco quatro pequenas flores de três pétalas. O campo central, quase plano, é um sabio entrelaçado de flores de lótus estilizadas.

- Grande tigela (CRCS0014 — Fig. 21) de 30 cm de diâmetro, 10 cm de altura e pé anular de 11 cm. Na aba alternam uma flor de lótus e um pequeno florão. Na fita separadora do campo central e sob cobertura verde de óxido de cobre alinham-se pequenas formas estelares estampilhadas. No centro uma representação arboriforme de flores de lótus.
- Tigela (CRCS0011 — Fig. 22) de 26,5 cm de diâmetro, 8 cm de altura e pé anular de 10 cm. Entre um bordo levemente reclinado com decoração serpentiforme e um campo central lotiforme, organiza-se ao longo da aba um registo intercalado de inscrições em cúfico e pequenos elementos fitomórficos.
- Grande prato-côvo (CRCS0002 — Fig. 23) de 34 cm de diâmetro. Decoração em listas verticais alternadas na aba. No campo central organizam-se alternadamente medalhões zoomórficos (pássaros) e elementos fitocaligráficos.
- Tigela (CRCS0006 — Fig. 24) de 26 cm de diâmetro, 9 cm de altura e pé anular de 10 cm. Aba levemente carenada com decoração geométrica reticular. O campo central é preenchido por um pássaro.
- Tigela (CRCS0005 — Fig. 25) de 26 cm de diâmetro, 8 cm de altura e 10 cm de pé anular. Envolvendo o pássaro que ornamenta todo o campo central, a aba carenada ostenta um friso de clássicas palmetas.
- Prato-côvo (CRCS0004 — Fig. 26) de 25 cm de diâmetro, 10 cm de altura e pé anular de 10 cm. Aba vertical decorada em listas alternadas. No centro, de cabeça levantada, um pássaro mostra a sua crista em leque tão ao gosto dos conhecidos espécimes de Medina Al Zahara.
- Grande prato-côvo (CRCS0007 — Fig. 27) de 32 cm de diâmetro, 10 cm de altura e pé anular de 13 cm. Excluindo a aba vertical raiada alternadamente de verde e melado, todo o campo central é ocupado por um felino que procura libertar-se da forma demasiado apertada que o encerra.
- Tigela (CRCS0001 — Fig. 28) de 25 cm de diâmetro, 9,5 cm de altura e pé anular de 9 cm. Aba carenada recoberta por friso de palmetas digitadas. No centro, em tensa posição de alerta, um corço ou gamo.

IV. CONCLUSÕES

Cronologia: Dada a sensível permanência de elementos decorativos que fazem parte da gramática ornamental do califato; dada a presença das peças N. 0024, 0018 e 0015 que, segundo Rosselló Bordoy e confirmação da Sra. Berti de Pisa, datariam da primeira metade do séc. XI, poderíamos ser tentados a uma cronologia alta. No entanto, e porque não pode passar despercebida a existência de novidades estilísticas como o estampilhado da peça N. 0014, propomos a localização cronológica deste conjunto entre finais do séc. XI e meados do séc. XII.

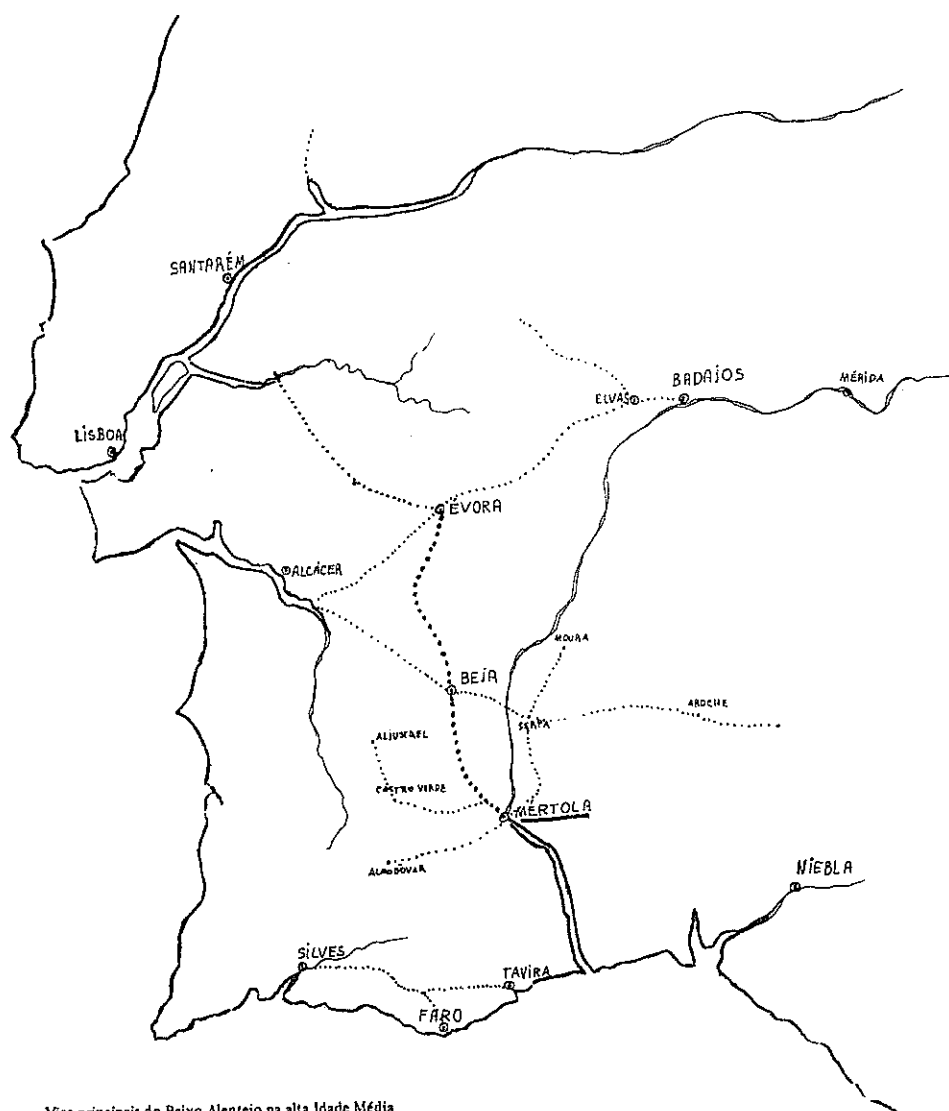
A corência estratigráfica, tipológica e técnica destas peças leva-nos a concluir que a variedade morfológica não é de molde a alterar uma cronologia unitária.

Origen do fabrico: A única cerâmica produzida na zona de Mértola foi sempre apenas telha e tijolo e alguma grosseira cerâmica comum de pasta fortemente avermelhada pelos óxidos de ferro. Esta produção é portanto necessariamente importada. Entre os mais importantes e próximos centros oleiros, podemos referir Loulé, no Algarve (importantes olarias de barro branco calcário), Sevilha, Málaga e Almeria.

Devido a estreitas relações económicas e políticas, facilitadas pelo transporte fluvial-marítimo e devido a uma pertinaz tradição técnica e decorativa que tornará Sevilha dos séculos xv e xvi o grande centro productor e exportador de louças e azulejaria em corda-seca, consideramos ter sido esta cidade o local de produção destas peças. Esperamos que o subsolo da grande capital andaluza possa em breve confirmar esta hipótese.

BIBLIOGRAFIA

- AQUADO VILLALBA, José (1983): *La cerámica hispanomusulmana de Toledo*. Madrid.
- BAZZANA, A. (1980): «Ceramiques medievales: Les méthodes de la description analytique appliquées aux productions de l'Espagne Orientale». *Mélanges de la Casa Velazquez*, XVI, pp. 57-95.
- BAZZANA, A. (1983): *La cerámica islámica en la ciudad de Valencia*. Catálogo. Delegación Municipal de Cultura. Ayuntamiento de Valencia.
- PAVÓN MALDONADO, B.: *Alcalá de Henares Medieval. Arte islámico y mudéjar*. Madrid-Alcalá de Henares, 1982.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978): *Ensayo de sistematización de la cerámica árabe en Mallorca*. Palma de Mallorca.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1978): «Elementos decorativos en la cerámica árabe de los siglos X y XI». *Actas de las jornadas de Cultura árabe e islámica*, pp. 271, 276.
- ROSSELLÓ BORDOY, G. (1983): «Nuevas formas en la cerámica de época islámica». Separata del *Bolletí de la Societat Arqueològica Lulliana*, 39.
- ROSSELLÓ PONS, M. (1983): *Les ceràmiques almohades del Carrer de Zavella. Ciutat de Mallorca*. Palma de Mallorca.
- VARIOS AUTORES (1978): *La céramique medievale en Méditerranée Occidentale*. Valbonne, 11-14 septembre, Edition du CNRS. Paris.
- ZOZAYA, Juan (1978): «Aproximación a la cronología de algunas formas cerámicas de época de taifas». *Actas de las jornadas de cultura árabe e islámica*, pp. 277-291.
- ZOZAYA, Juan (1983): «Excavaciones en la fortaleza de Qal'at'azd-al-Salam (Alcalá de Henares, Madrid)». Separata del *Noticiero Arqueológico Hispano*, núm. 17, pp. 413-529.



Vias principais do Baixo Alentejo na alta Idade Média

MAPA 1



MAPA 2

- A - Castelo cristão
- B - Alcaçova islâmica
- C - Mesquita Almohade
- D - Necrópolis romana
- E - Necrópolis paleo-cristã e basilica
- F - Necrópolis islâmica
- G - Vias romanas e islâmicas

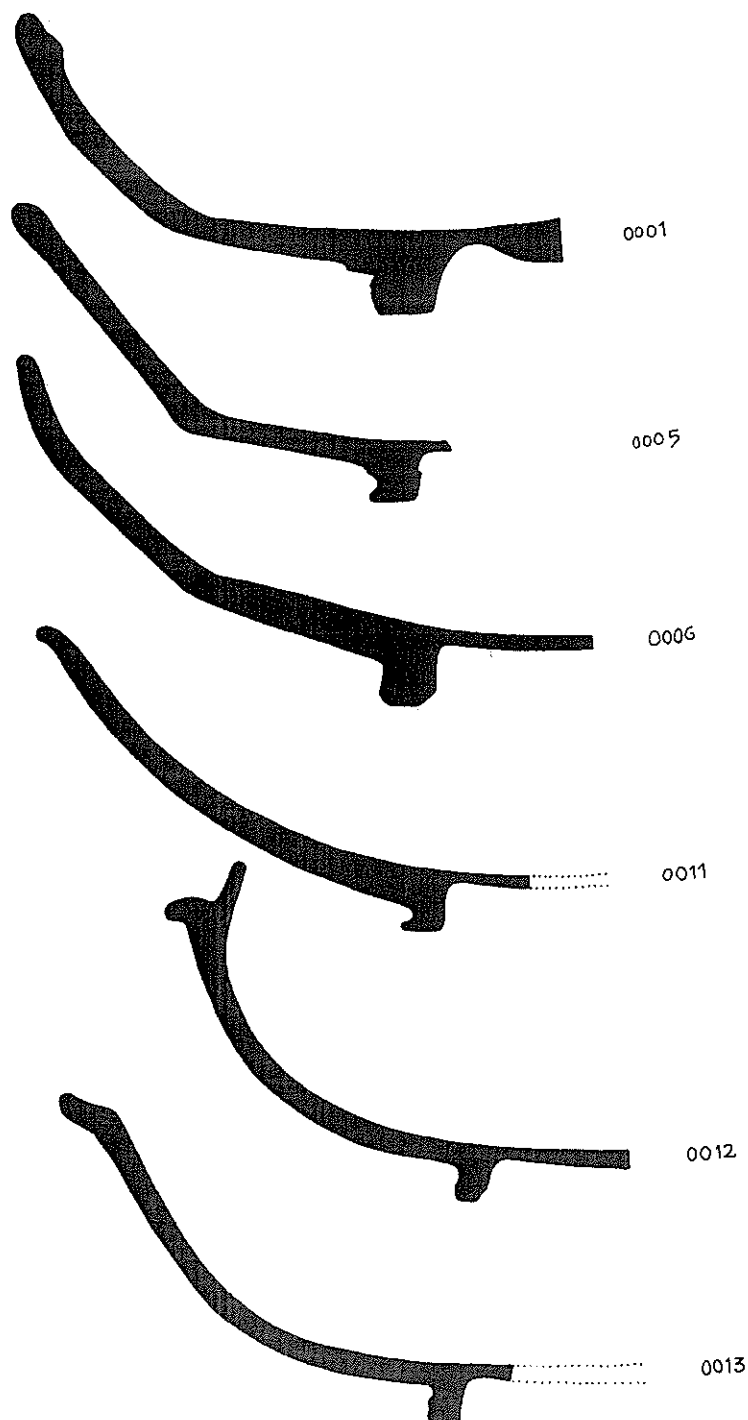
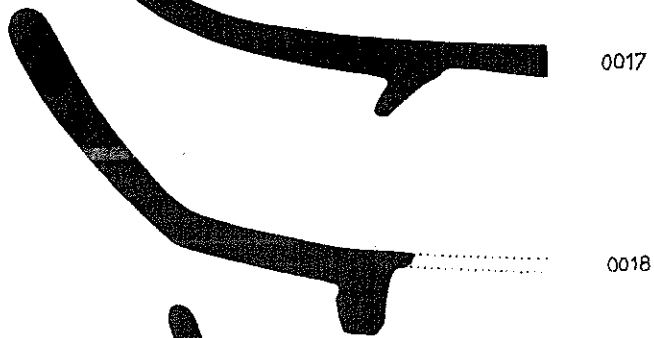
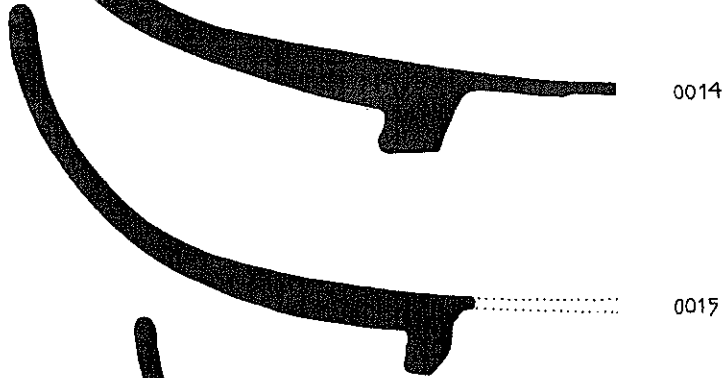
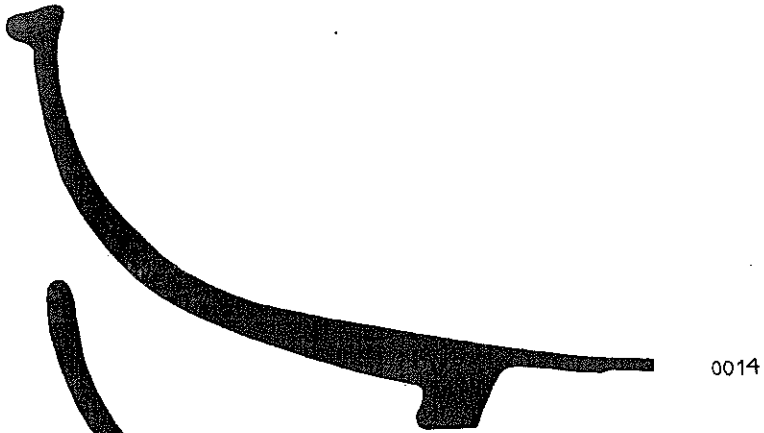
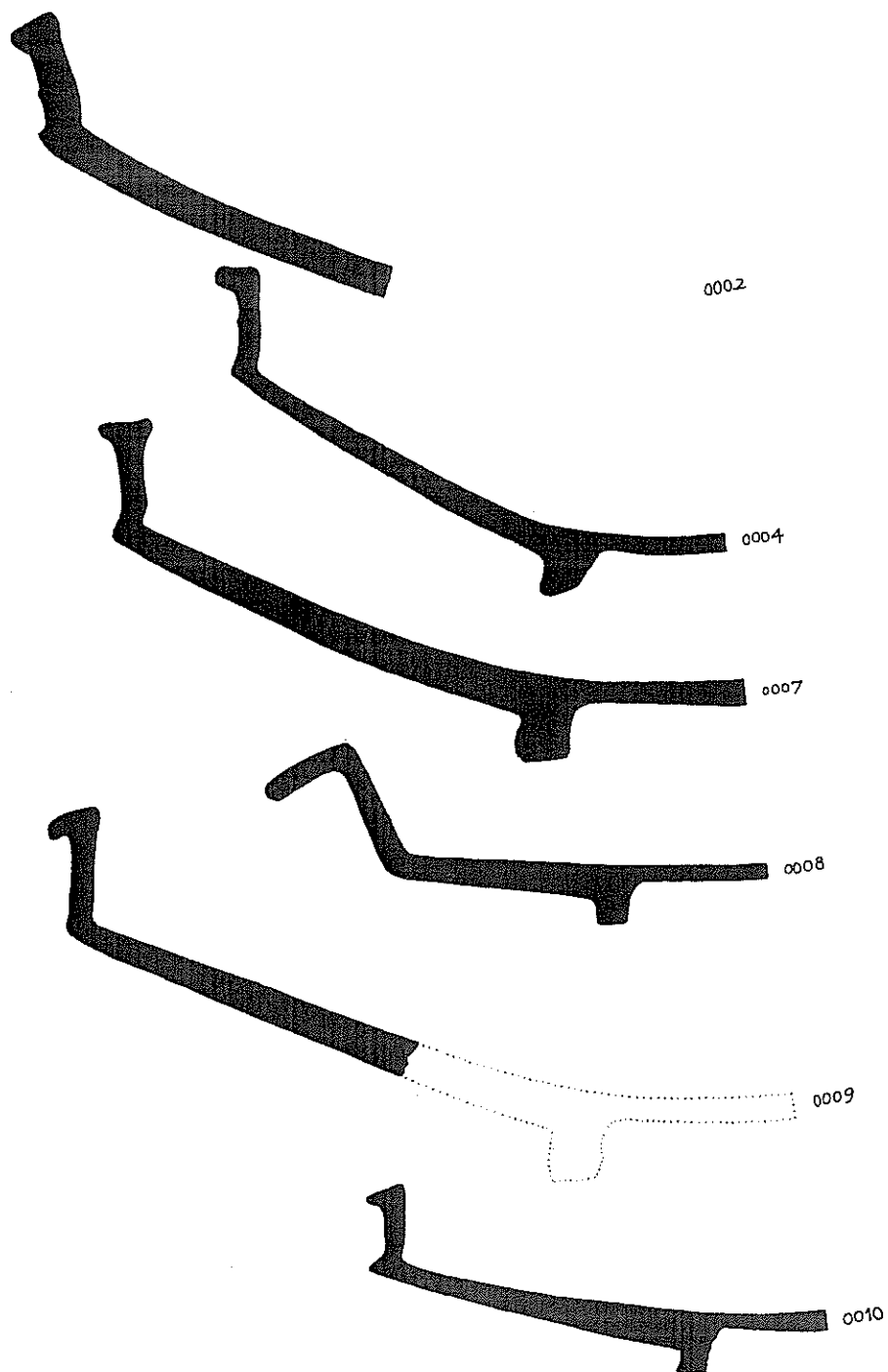
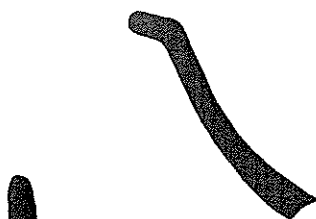


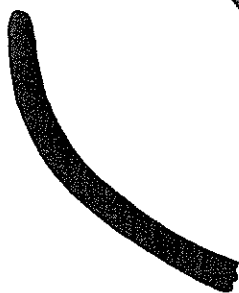
fig.1







002.1



002.3



0016



002.4

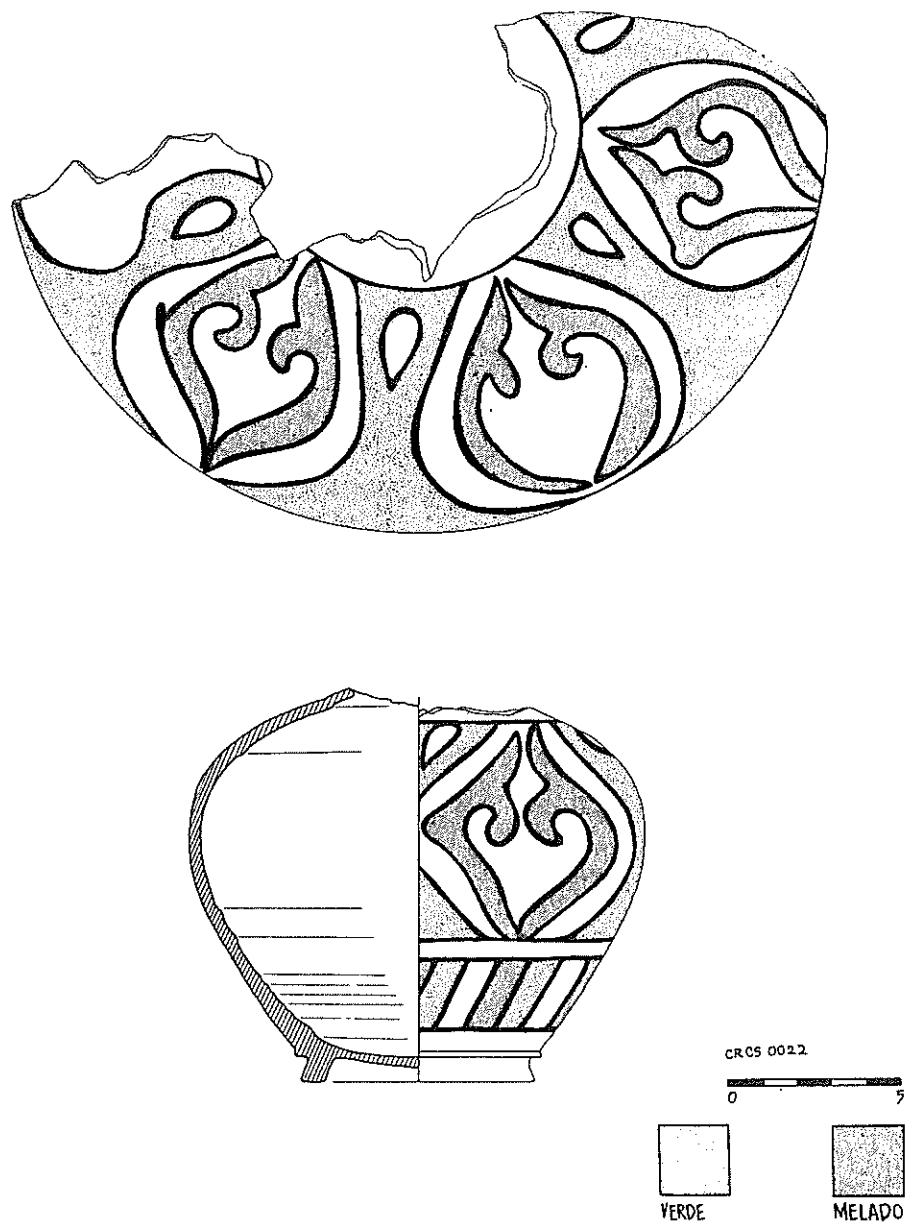
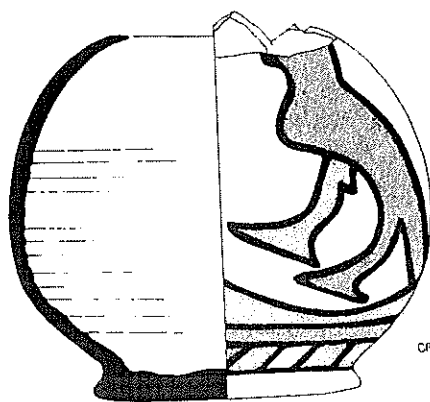
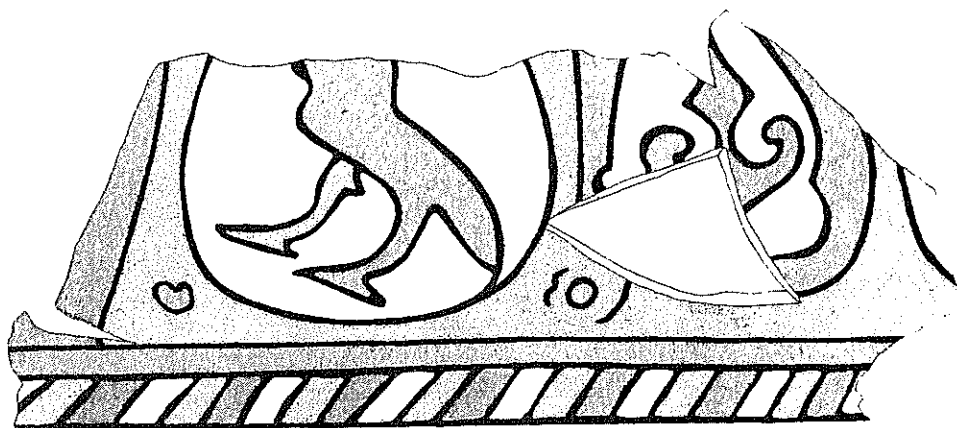
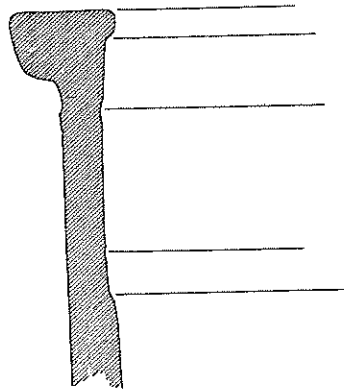
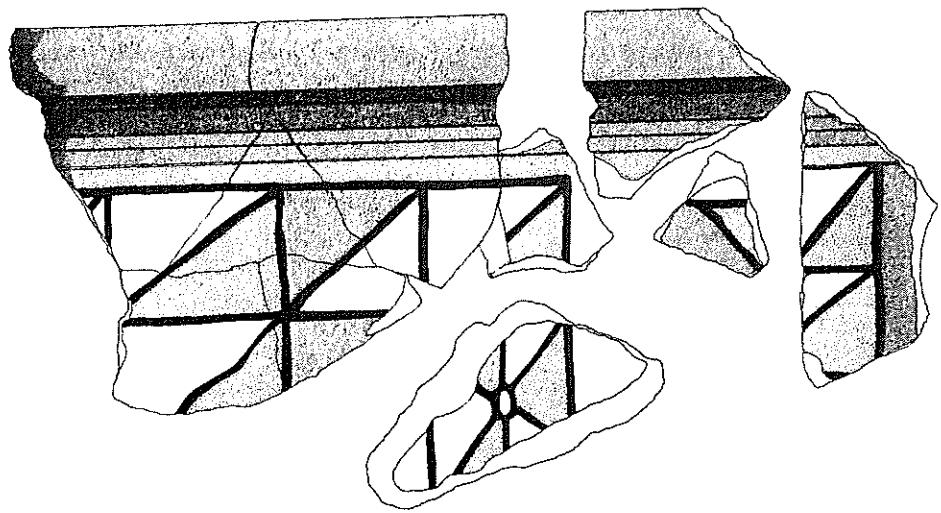


fig. 5

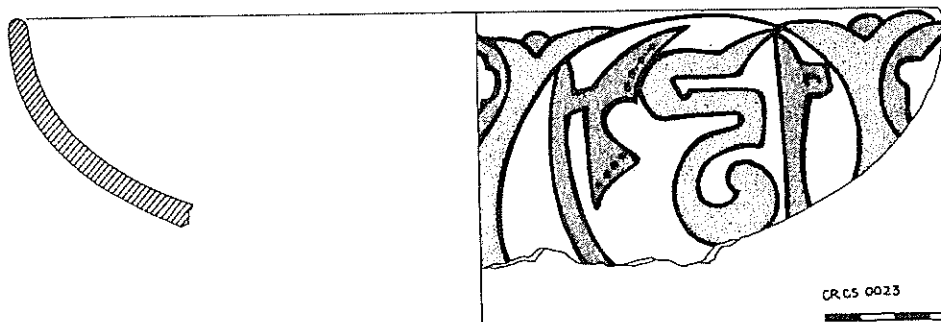


CR GS 9993

0 5

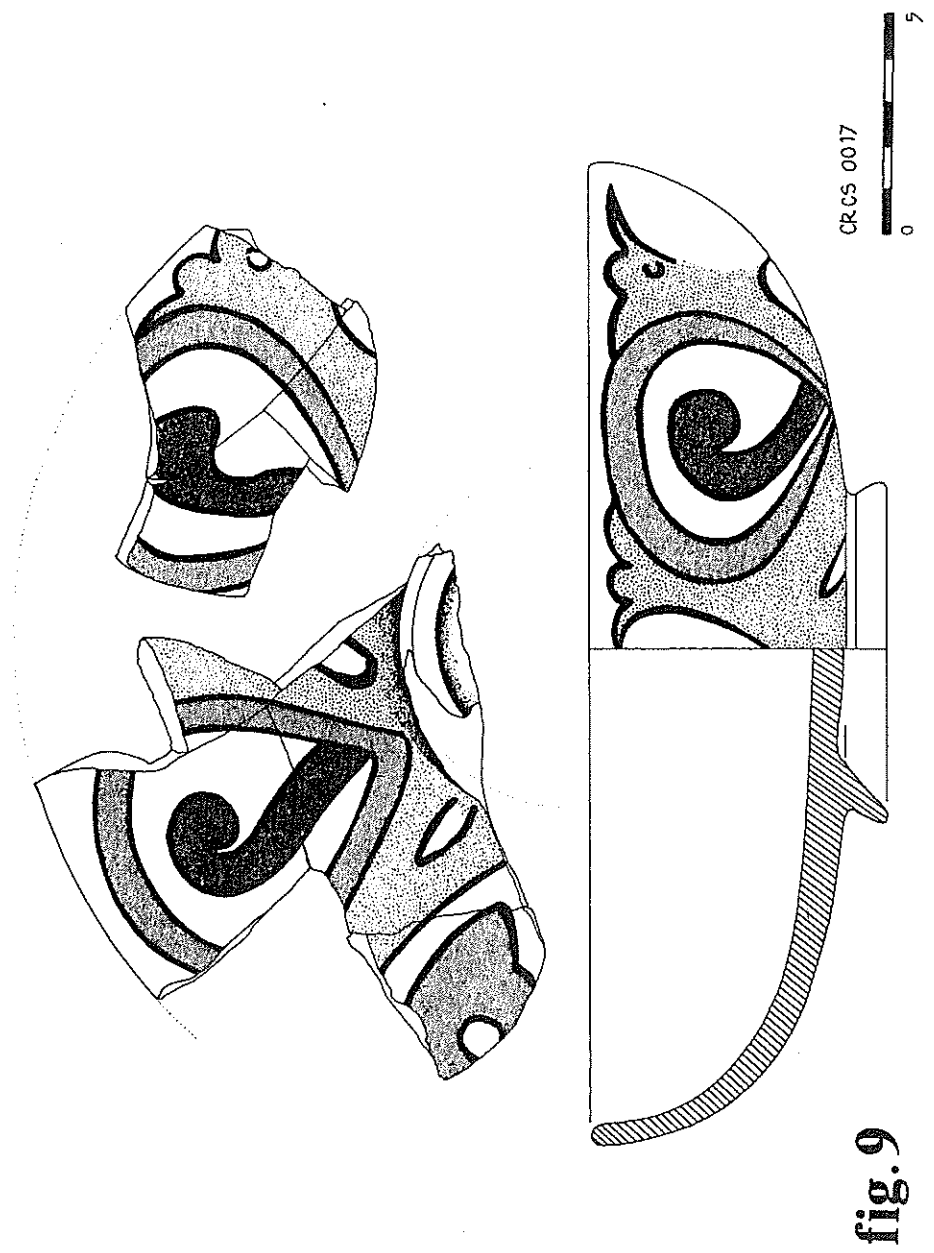


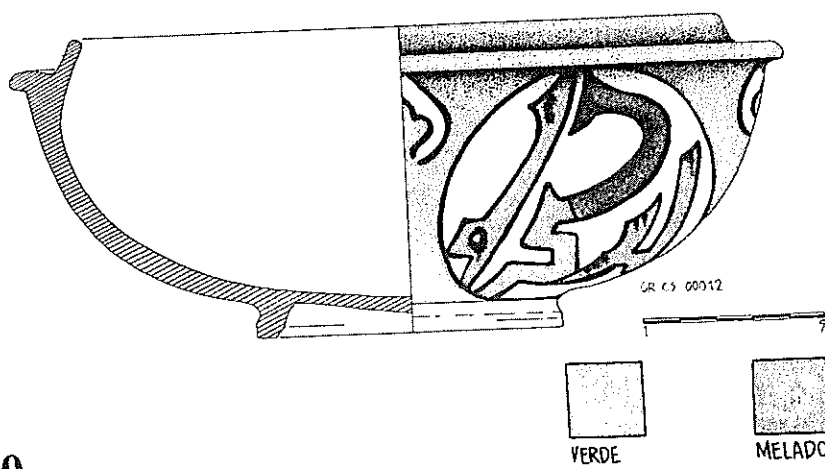
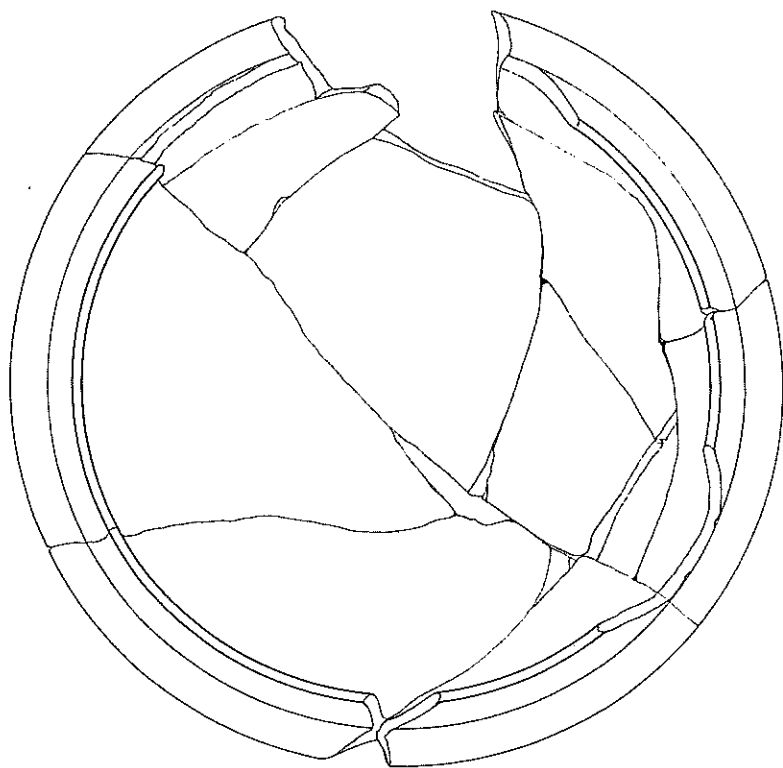
CR C5 0016
0 5



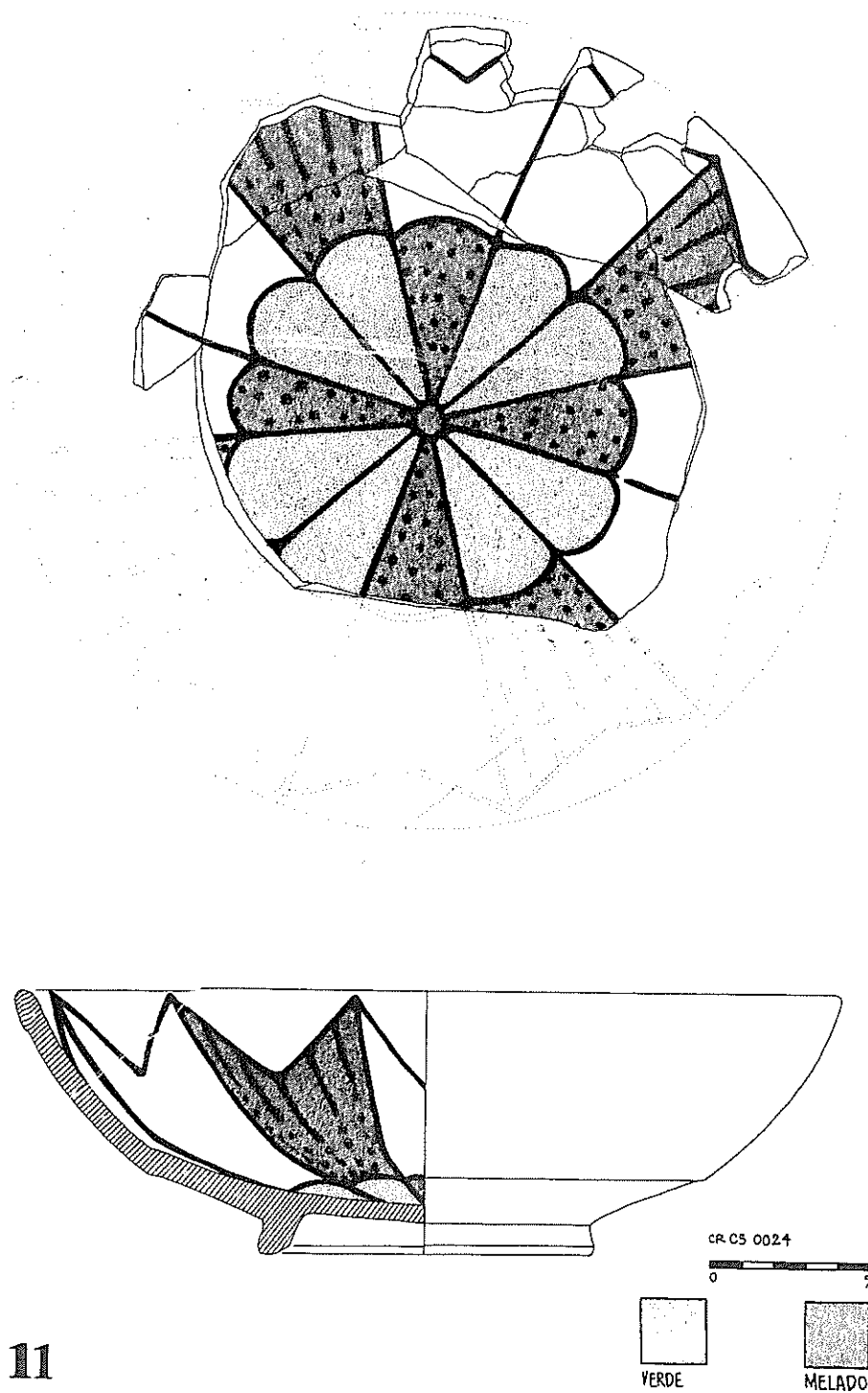
CRCS 0023

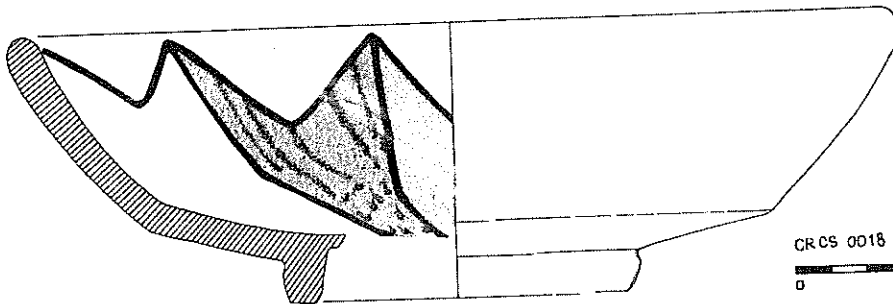
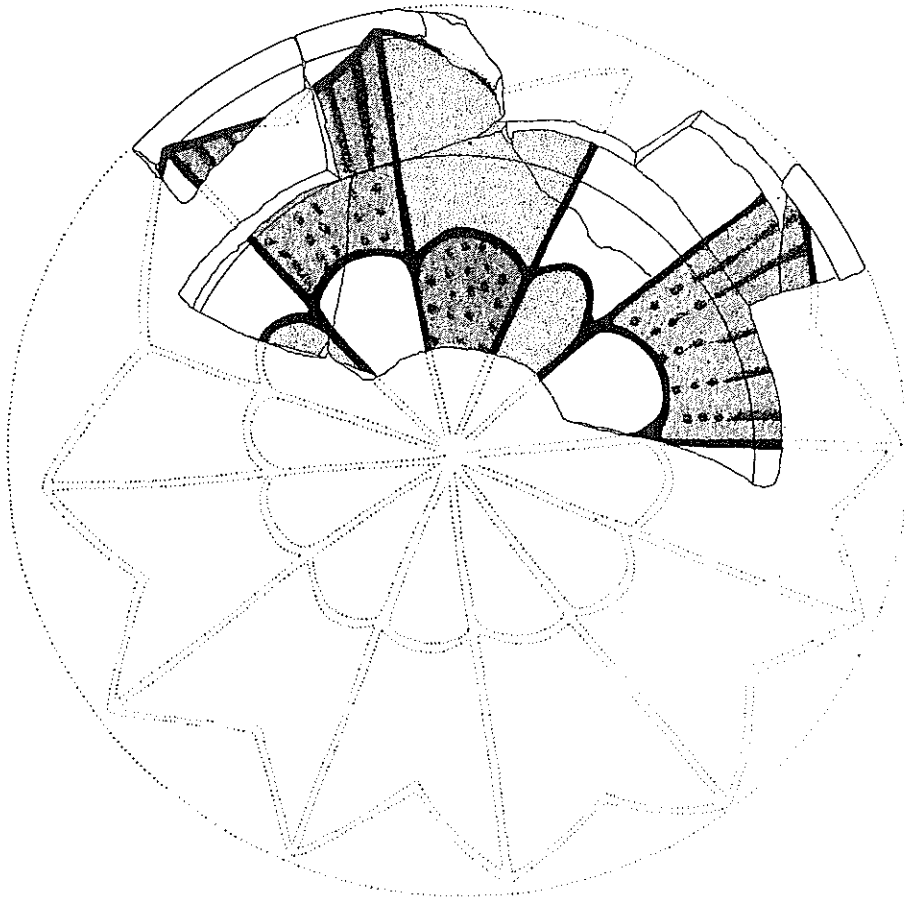
0 5





10

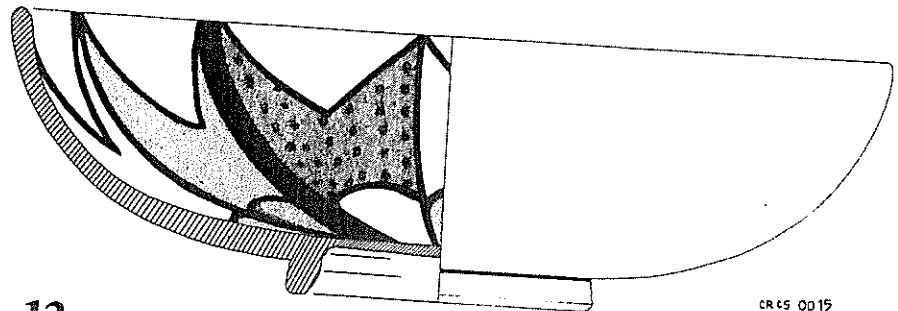
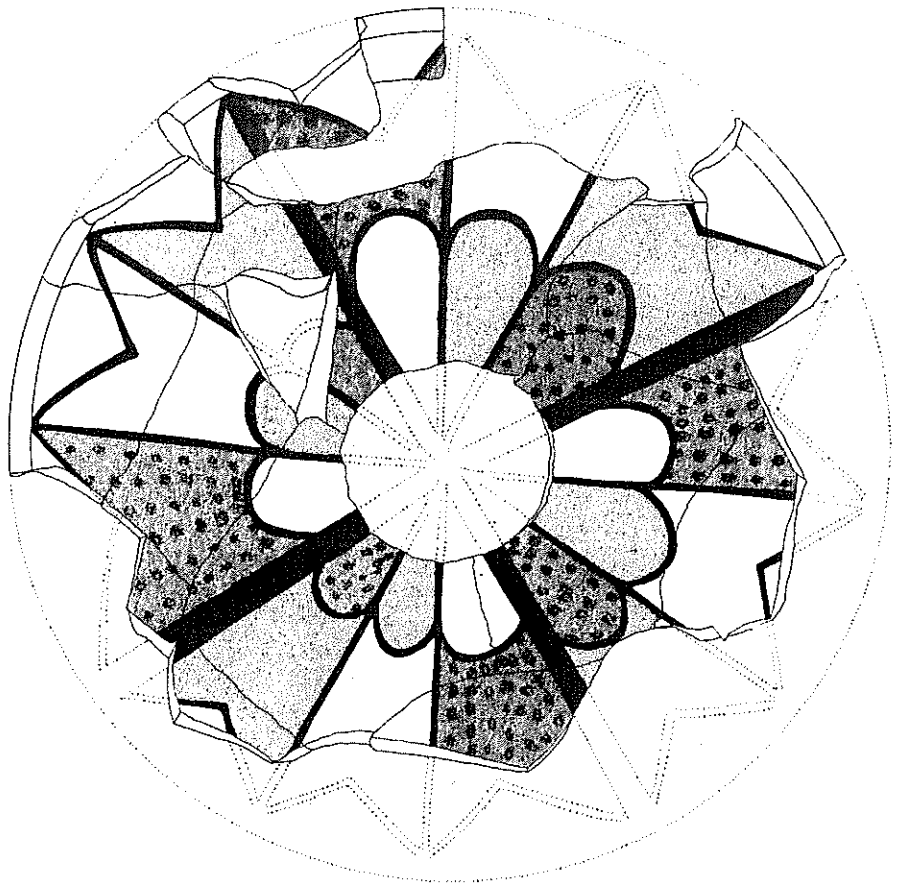




GRCS 0018

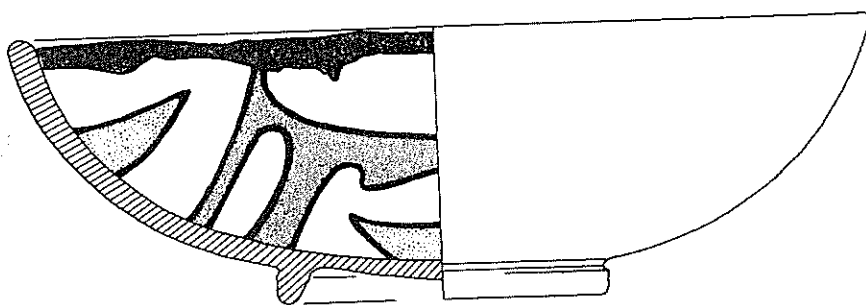
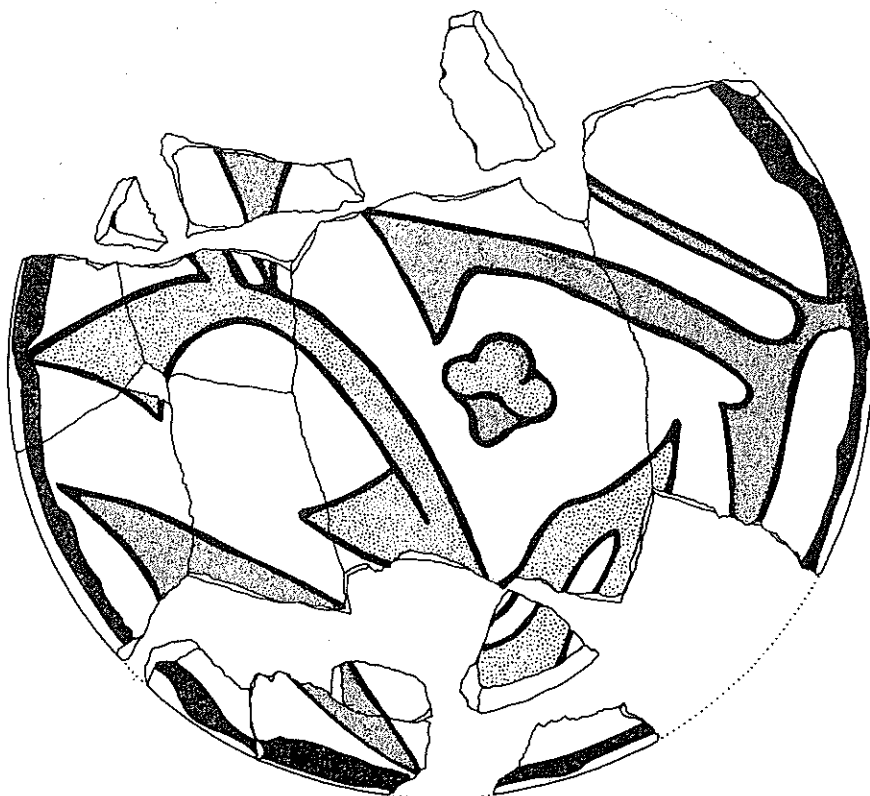
0 5

12



13

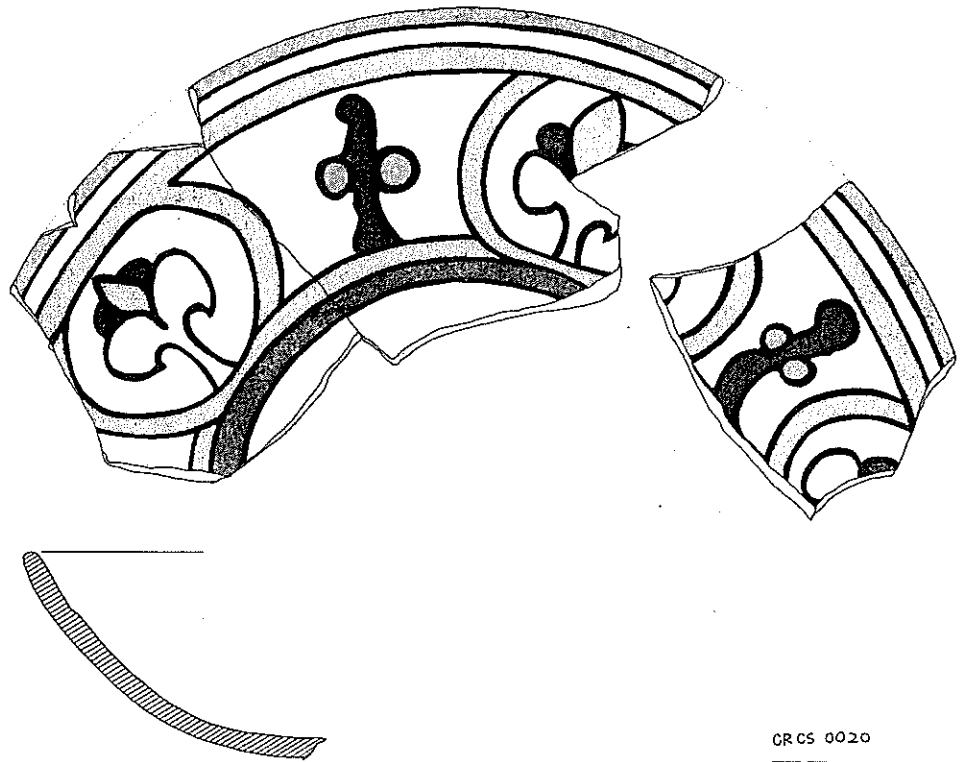
CR 65 0015
0 5



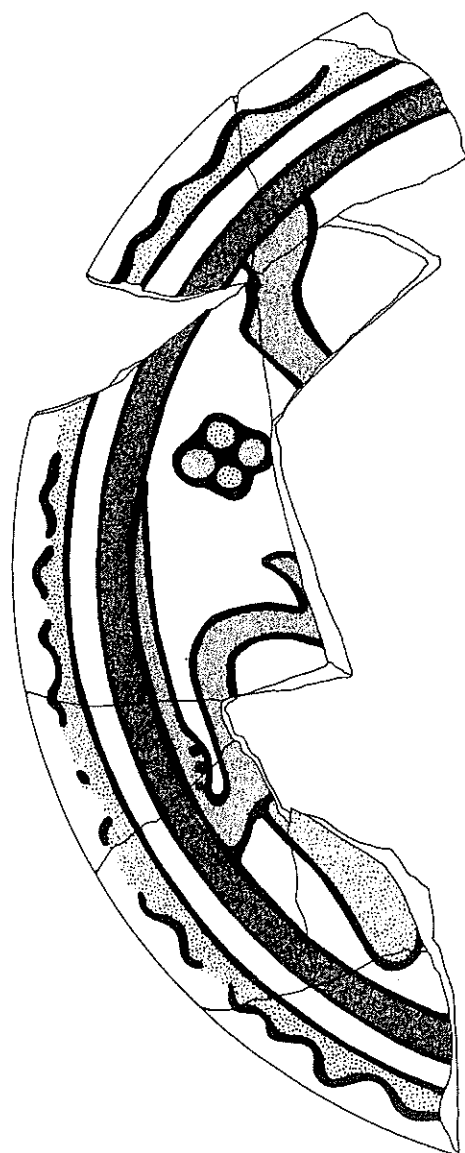
14

CRCS 0019



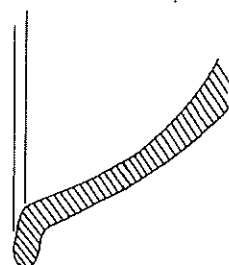


15

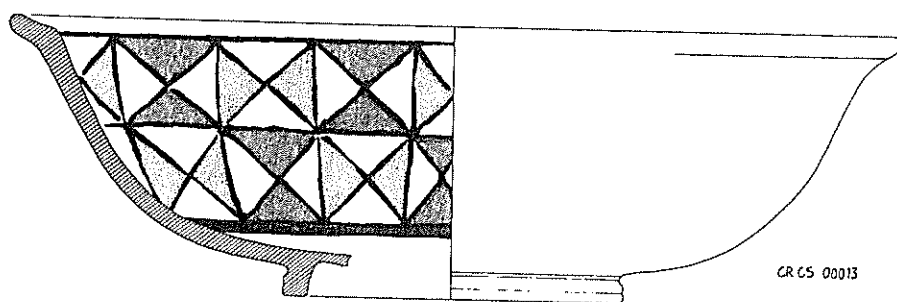
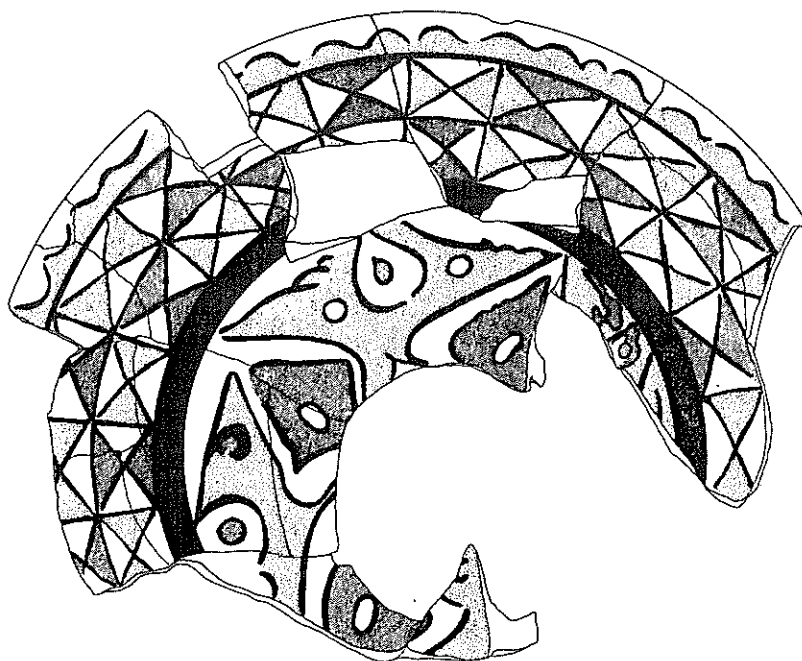


CRCS 00 21

0 5



16



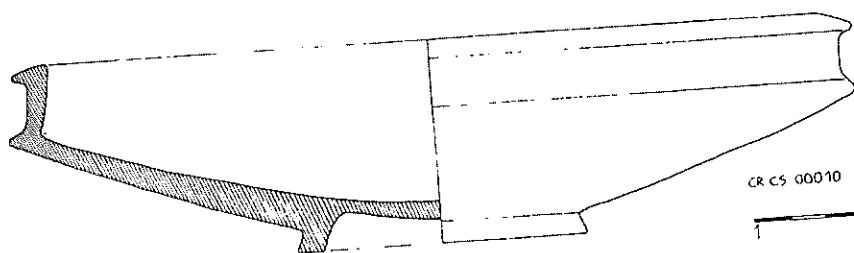
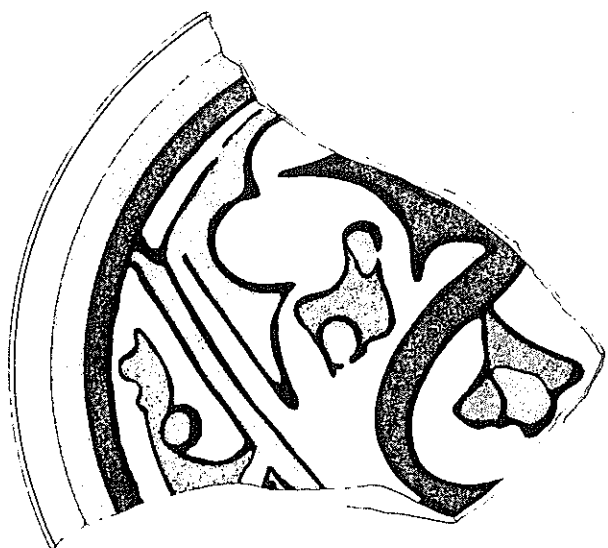
GR 65 00013



VERDE



MELADO



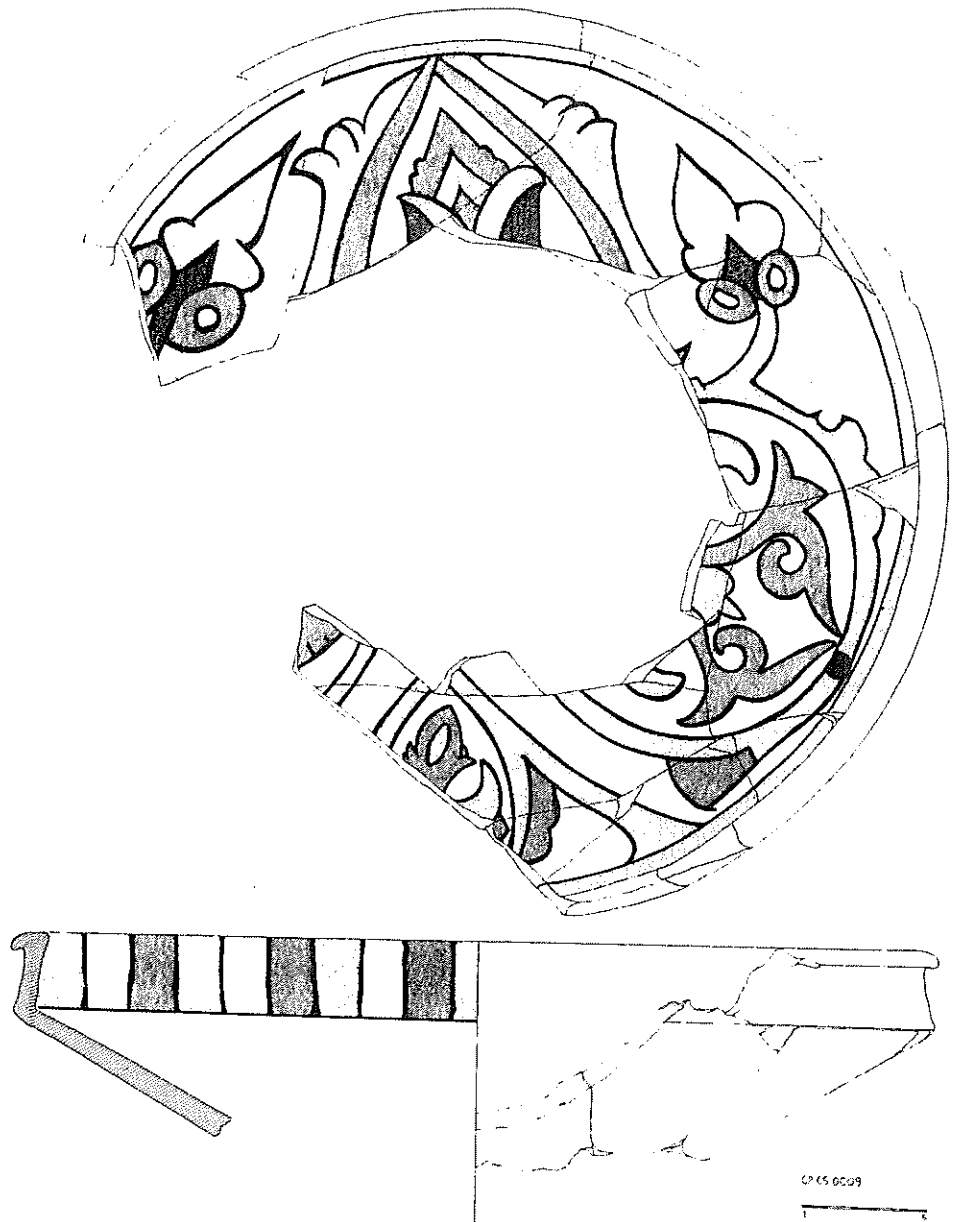
CR CS 00010



VERDE



MELADO



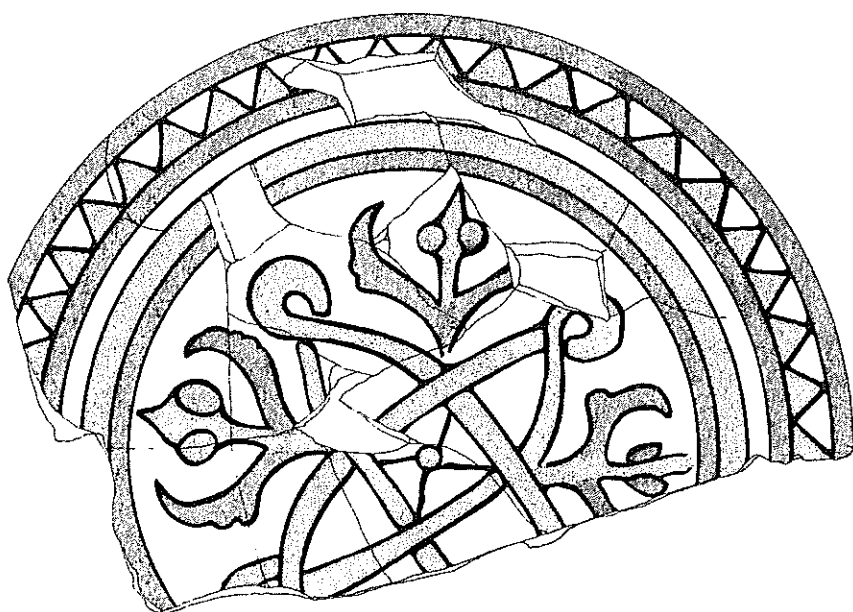
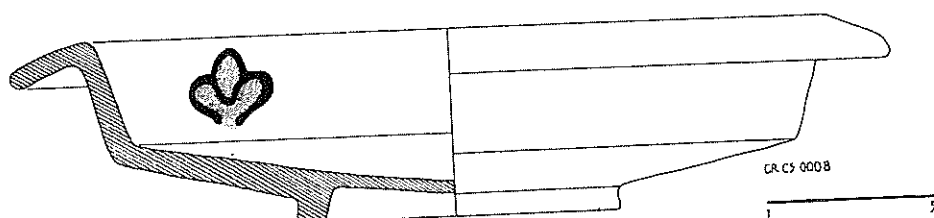
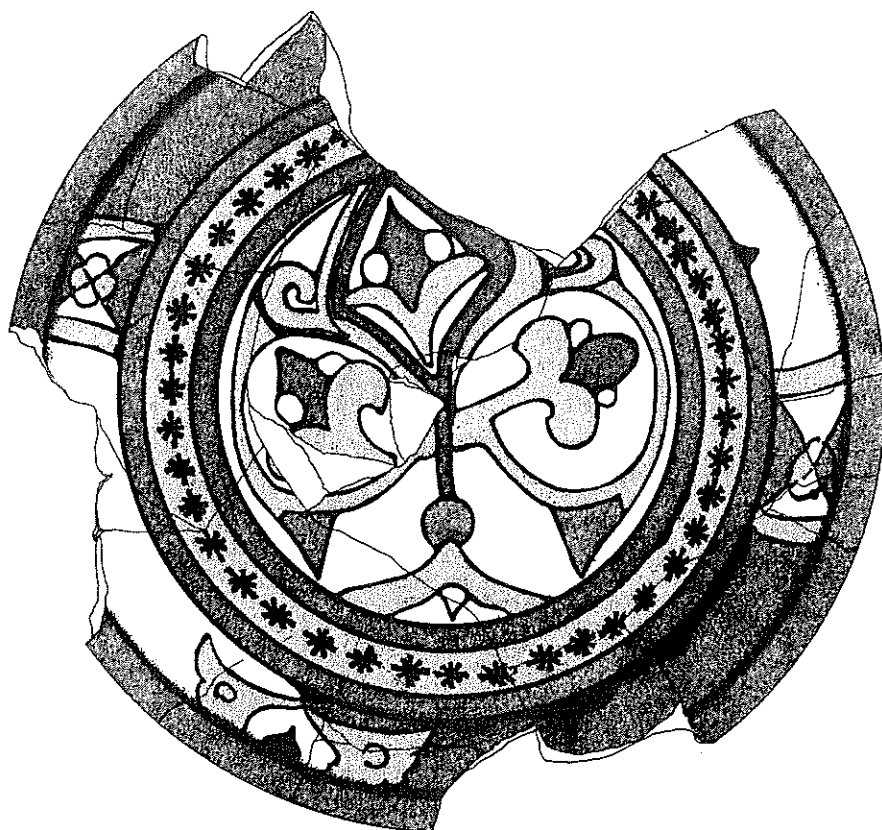
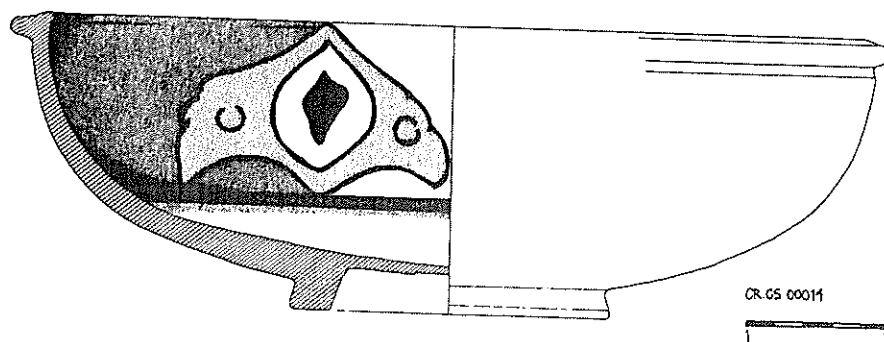


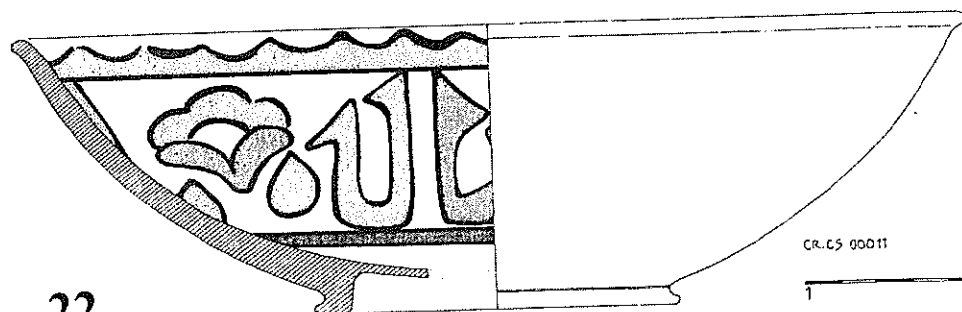
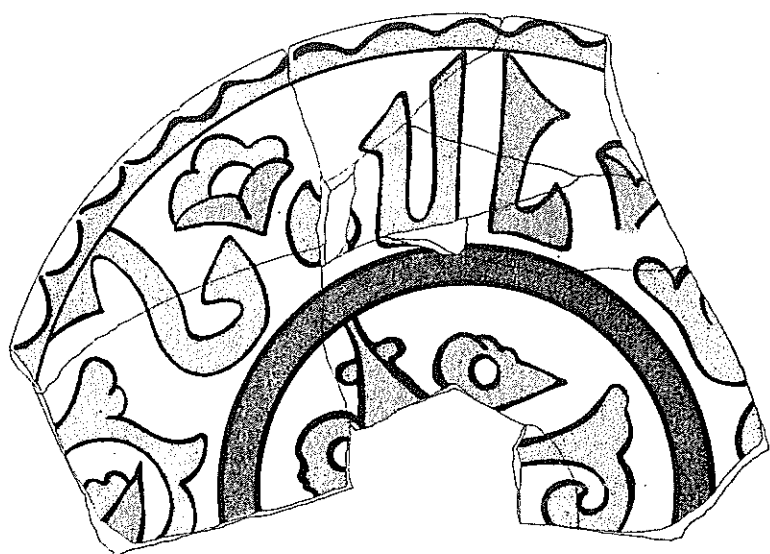
fig. 20





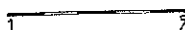
21

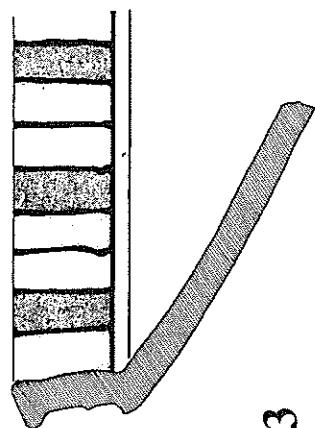
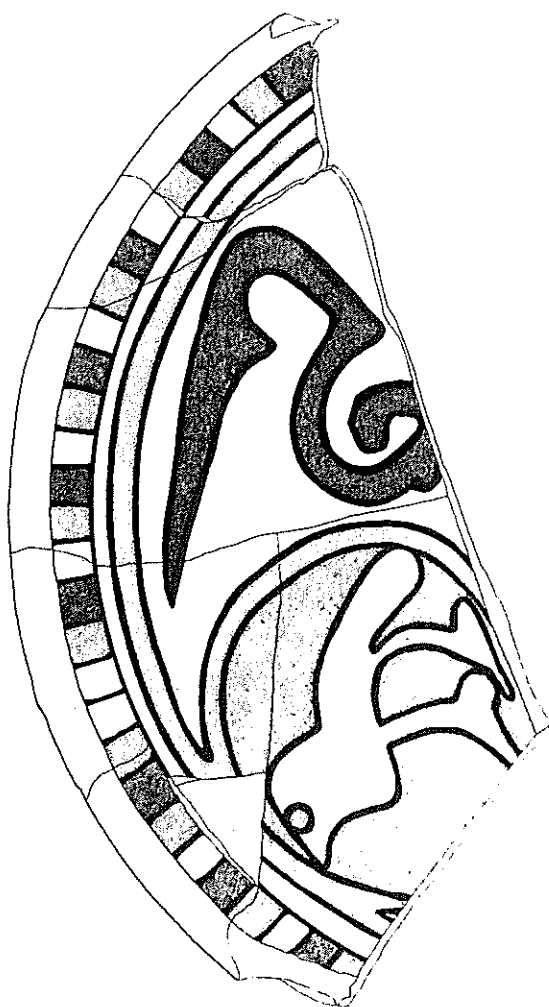




22

CR. 65 00011

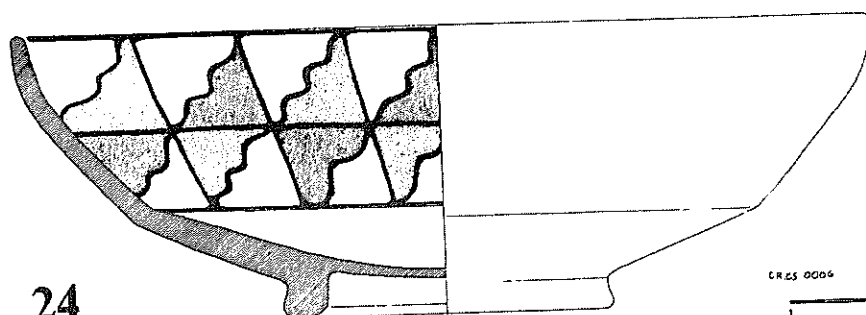
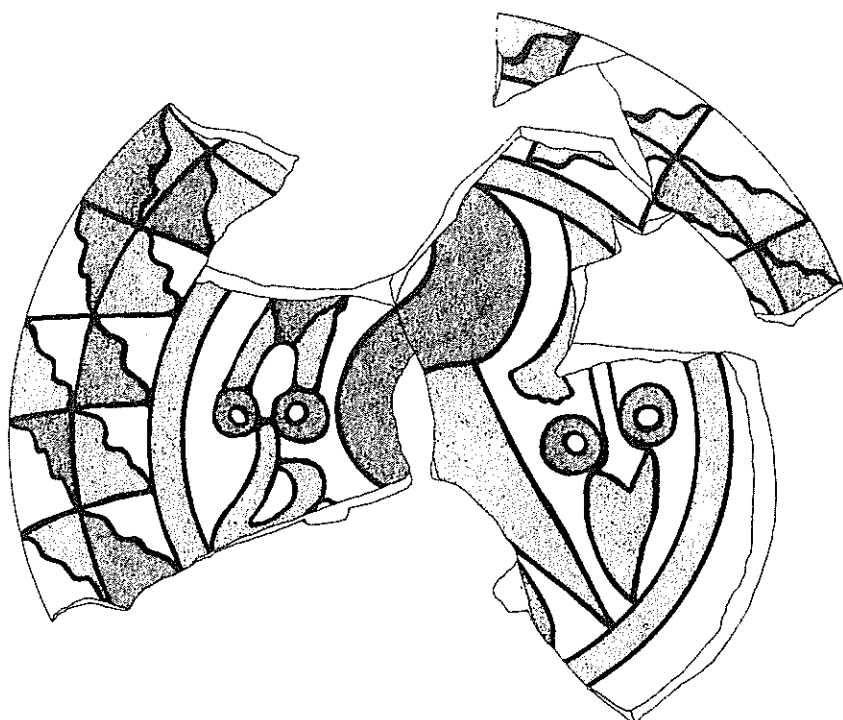




CR 05 0002



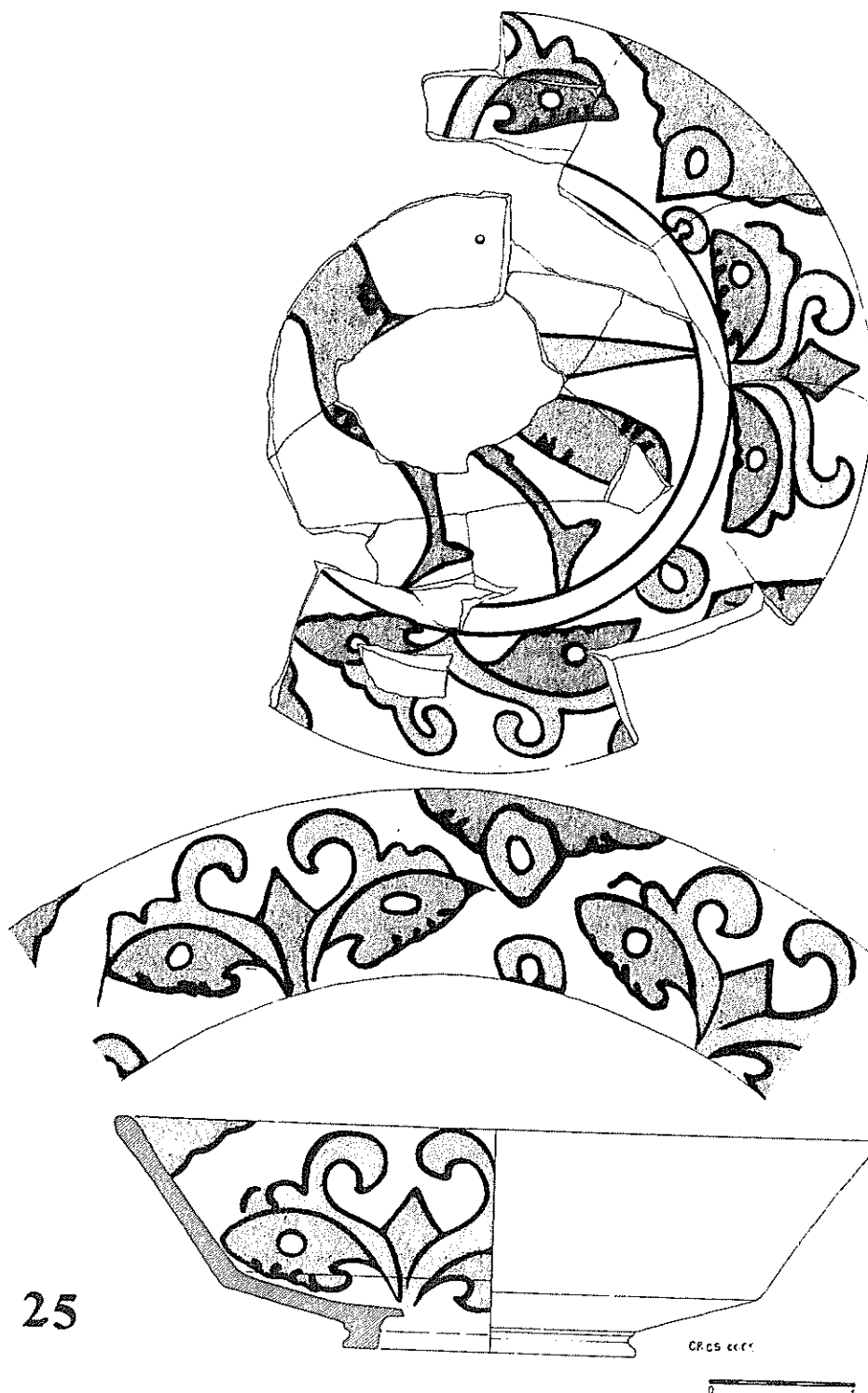
fig. 23



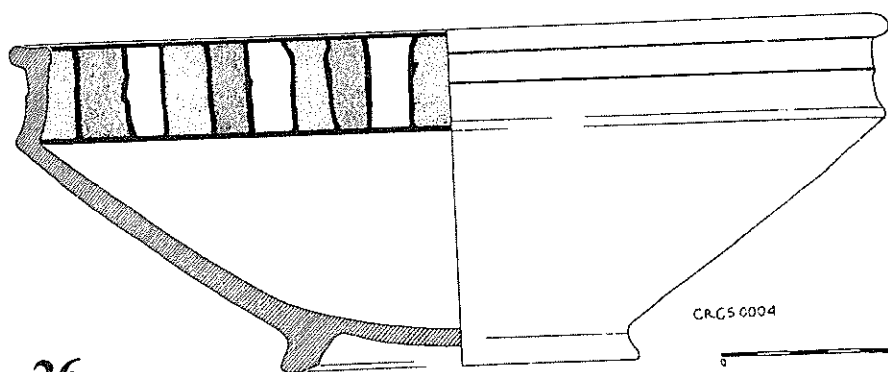
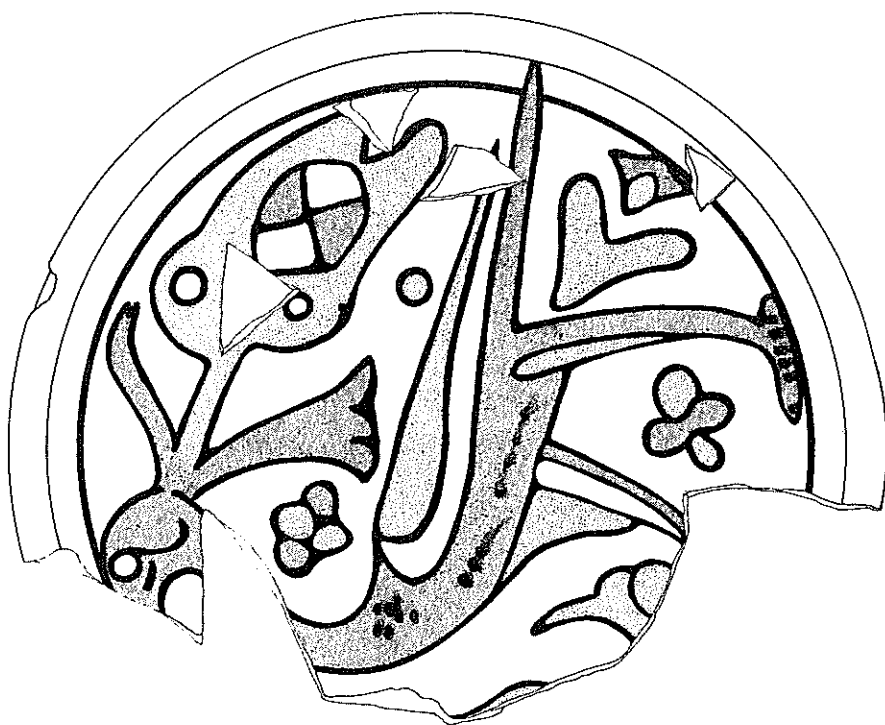
24

ERES 0006

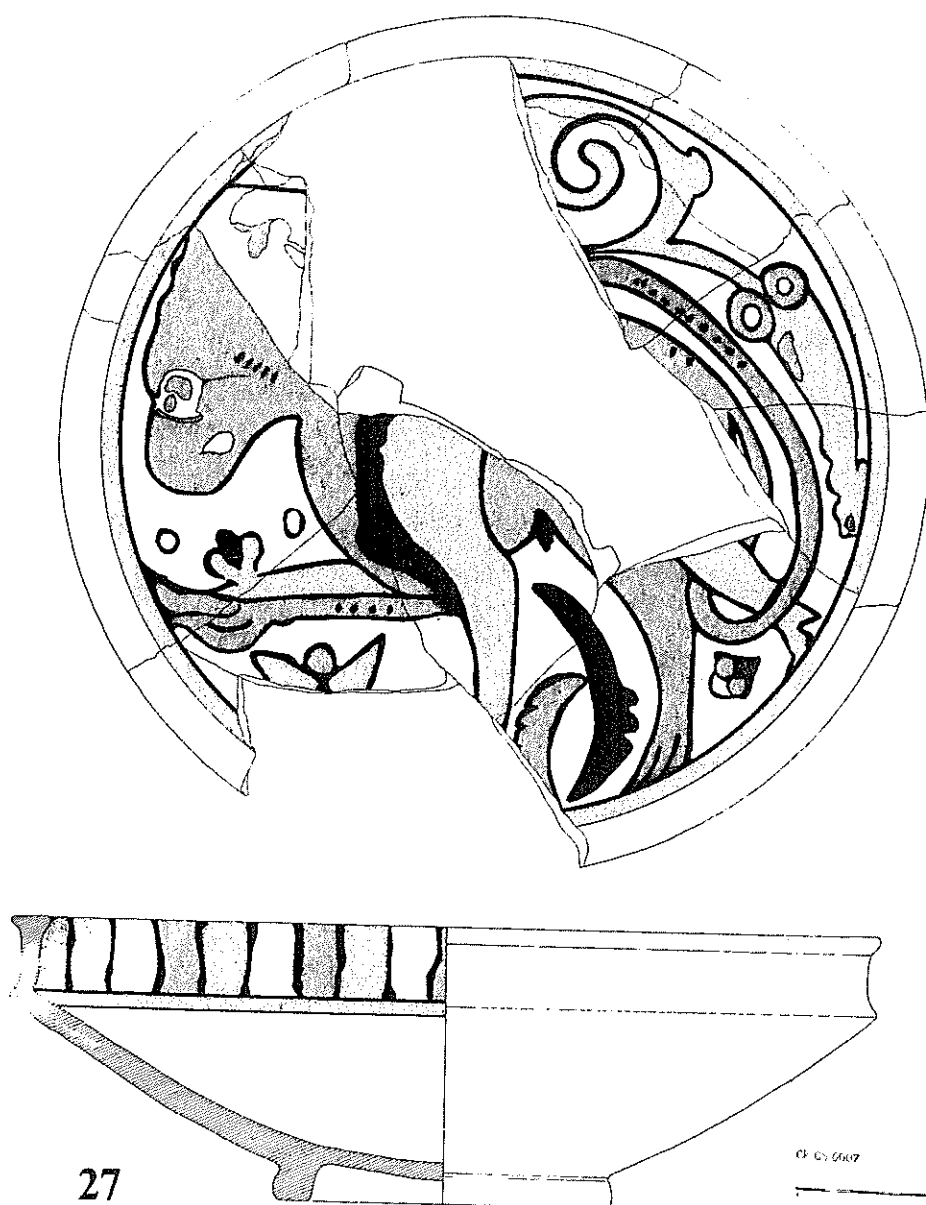




25

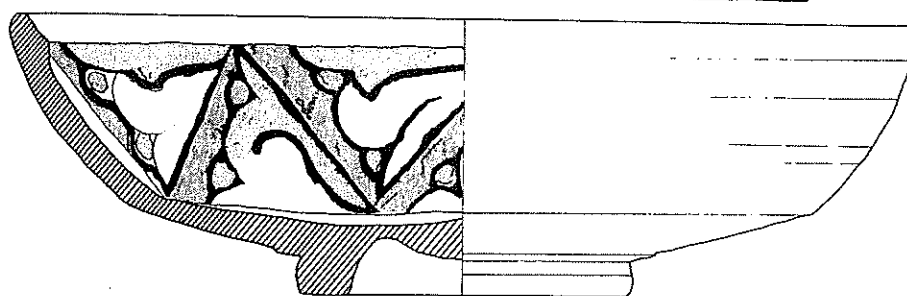


26





CRCS 0001



28



VERDE



MELADO